

6 ton *BPA* Lição da história

As contas que o IBGE acaba de divulgar sobre o desempenho da economia nacional de 1987 — ano da desilusão com o Cruzado de êxito efêmero em 86 e queda na realidade do País — comprovam a formidável desenvoltura com que a agropecuária passou a operar. No meio da crise geral em que se debate a economia, a agricultura sobressai como uma atividade extremamente dinâmica que vai puxando consigo o desenvolvimento econômico global.

Saiu a agropecuária de desempenho negativo no ano anterior para um salto positivo e gigantesco no ano passado. Em 1986, comportou-se com uma humilhante taxa de 7,9 por cento de crescimento negativo. Em 1987, apresentou-se com a taxa positiva de quatorze por cento de crescimento, contra 0,2 por cento da indústria, enquanto o setor de serviços chegava a 2,8 pontos.

Confirma o IBGE uma queda brusca do Produto Interno Bruto, como espelho de uma situação geral de crise histórica na economia. O PIB desabou de 8,0 por cento em 1986 para 2,9 por cento em 1987. Então o PIB, que se mostrou positivo, apesar de tudo, no ano passado, foi sustentado pela expansão da agropecuária, já que a indústria praticamente não se desenvolveu enquanto o setor de serviços apresentou uma taxa quase equivalente à do Produto Interno Bruto: 2,8 x 2,9.

É possível imaginar qual seria o PIB do ano passado se a agropecuária se comportasse como os outros setores da economia. Seria menos da metade de 2,9. E a inflação, qual seria? A taxa de inflação neste momento estaria em patamares muito mais elevados, não houvesse uma agricultura dinâmica e moderna abastecendo o mercado, gerando renda e produzindo empregos.

Não é necessário muito esforço para imaginar como seria hoje a crise social se faltassem alimentos no mercado. Basta imaginar como foi em 1986, o fabuloso ano do Cruzado, quando sobrou dinheiro no bolso do consumidor e faltou alimento. Faltou alimento não apenas porque havia mais moedas a comprar na praça, mas também por uma crise de produção que não encontrou uma política de abastecimento que a corrigisse.

Naquela época, o Governo saiu por aí lachando boi magro no pasto e entregando-o ao frigorífico como se esse pudesse ser o com-

portamento normal do mercado — confiscar o gado e entregá-lo à força ao consumo. Mas não era. Era apenas uma política de amadores em abastecimento, de tecnocratas que nunca haviam visto um boi gordo e muito menos sabiam comercializá-lo. Mas em nome do Cruzado valia tudo, até importar alimentos.

Agora a crise do abastecimento seria muito mais grave se não fosse a abundância de alimentos, no momento em que o Brasil está recolhendo a maior safra de sua história de cada produto. Desde a safra recorde de feijão à de maçã, alho e trigo. Nunca se viu tanta produção de cada coisa sem que fosse preciso confiscar animal ou grão algum.

Mas a crise do abastecimento seria hoje extremamente grave porque traria consigo a falta de renda, de empregos. Encontraria o País sem dinheiro em caixa para importar alimentos, sobretudo agora quando os brasileiros saem de uma malfadada moratória e assumem a realidade de pagar os juros da dívida externa.

Acaba de informar o Banco Central que os brasileiros pagarão US\$ 118 milhões até amanhã. São juros relativos a janeiro, pagos com dólares que sairão das reservas nacionais. São US\$ 994 milhões pagos em juros pelo Brasil da moratória este ano até agora, esvaindo-se para o exterior preciosas e estratégicas reservas cambiais.

Mas a agricultura faz a sua parte. As receitas externas deste País vão crescer este ano, por causa do aumento de produção agrícola, mais de US\$ 1,5 bilhão, podendo chegar aos US\$ 2 bilhões. As contas são da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), órgão acadêmico de São Paulo dirigido pelo professor Fernando Homem de Melo, que chegou aos números depois de avaliar as safras recordes de soja, feijão, trigo, arroz e milho.

Ora, está claro que a agricultura brasileira, com sua modernidade e espantosa capacidade de recuperação, vive, sob o comando do ministro Iris Rezende, maior fase de sua história no mesmo instante em que a economia em geral atravessa o seu momento mais dramático. Basta que setores do Governo não a atrapalhe, como os cruzadistas. E só deixar que o agricultor cuide da agricultura e do abastecimento.